Guerreiro ontem, Guerreiro hoje

Lúcia Lippi Oliveira*

1. Introdução

Este artigo explora três aspectos da obra de Guerreiro Ramos. O primeiro procura mostrar a conexão entre a biografia e a produção intelectual do autor; o segundo relaciona sua produção ao contexto das ciências sociais de sua época; o terceiro levanta hipóteses sobre o significado atual da produção de Guerreiro, apontando aspectos que vêm sendo retomados no debate contemporâneo.

Na introdução da coletânea de artigos, *Os intelectuais e o poder*, Norberto Bobbio (1996) apresenta importantes comentários sobre os intelectuais, que talvez nos ajudem a pensar o papel, a aceitação e os conflitos enfrentados por Guerreiro Ramos ao longo de sua trajetória profissional. Bobbio nos mostra como, nas sociedades, sempre existiu o poder ideológico, aquele que se exerce sobre as mentes das pessoas, pela produção e transmissão de idéias, de símbolos de visões de mundo, de ensinamentos práticos. Este espaço, que se ocupa através do uso da palavra, só tem aumentado nas sociedades atuais, haja vista o aumento dos meios (jornal, televisão) através dos quais este poder pode se manifestar. Tal poder é exercido pelos intelectuais, que se tornam especialistas na arte do convencimento. Se este é o domínio dos intelectuais, a análise sobre os intelectuais deve distinguir "o plano do ser do plano do dever ser, a postura descritiva da postura prescritiva, o momento da análise do momento da proposta" (Bobbio, 1996:13). Bobbio acentua igualmente a diferença entre a linguagem cujo objetivo é persuadir da que procura conhecer ou fazer conhecer. Guerreiro Ramos foi certamente uma figura que não fazia as distinções assinaladas por Bobbio. Em sua linguagem, o ser e o dever ser apareciam profundamente mesclados, suas análises sobre os intelectuais estavam imbuídas de uma cobrança ideológica que definia o que e quem deveria ser aceito ou recusado no panteão nacional. Aliás, é preciso lembrar, Guerreiro recusava a possibilidade de separar o momento da análise do momento da proposta.

2. O intelectual-sociólogo

Guerreiro não teve aceitação inquestionável na comunidade acadêmica das ciências sociais. Sua penetração e prestígio, ainda que existentes, se deram mais fora dos limites restritos do mundo da sociologia. Ele foi um *outsider* da acade-

* Doutora em sociologia pela USP e pesquisadora do CPDOC/FGV, com trabalhos que discutem a questão nacional.

mia. Defendeu posições que, à época, estavam na contramão da corrente dominante e que se contrapunham às de Florestan Fernandes, fundador do que veio a se chamar escola sociológica paulista (Oliveira, 1995).

Guerreiro foi um autodidata. Sua produção fugiu a qualquer padrão aceito à época. Ele não seguia receitas nem produzia segundo os cânones; trabalhava nas bordas, para além ou aquém dos paradigmas. Usava e abusava de textos e autores, de acordo com a questão que lhe interessava tratar naquele momento. Guerreiro foi professor, ator, pregador. Fez palestras, aconselhou o príncipe. Não fez dissertação de mestrado, não escreveu tese de doutorado nem de livre docência. Foi um *flâneur* intelectual (na melhor definição de *flâneur*, como aquele que perambula com inteligência). Tinha uma paixão missionária por salvar o Brasil, sem ter conseguido êxito.

Isso não significa que suas obras e sua palavra não estivessem respondendo às demandas de seu tempo. Ao contrário, Guerreiro viveu e sofreu a instabilidade política do país e a fluidez das instituições, tornando-se, como outros intelectuais, um porta-voz de propostas de salvação nacional. A cultura brasileira cobrou dos profissionais sua participação na condução de um processo de mudança, levando-os a posições messiânicas. A sociedade brasileira cobrou deste "mulato baiano", que se formou na primeira turma do curso de ciências sociais da Faculdade Nacional de Filosofia da então Universidade do Brasil, soluções para os problemas brasileiros. Ele aceitou a cobrança e procurou respondê-la lançando mão de tudo que acumulou em termos de conhecimento, erudição, vivência.

A trajetória, a palavra e a obra de Guerreiro são exemplos significativos dos dilemas dos intelectuais no Brasil. Foi um homem de seu tempo, comprometido com as lutas de sua época. Inteligência brilhante, capaz de *insights* memoráveis, que se mostram a cada dia mais atuais. Comprometido e sofrendo os dilemas de seu tempo, Guerreiro morreu "asilado" de sua terra: asilado político e, principalmente, asilado intelectual.

Sua trajetória oscila entre o comprometimento e o ceticismo. Seu senso agudo de tragédia o faz sentir-se próximo aos intelectuais russos tendo Dostoievski como exemplo significativo. Guerreiro foi solitário, sua obra procurou responder as questões morais e sociais postas pelo seu tempo, enfrentou os dilemas que a intelectualidade procurou e ainda hoje procura responder.

Em *O povo brasileiro*, Darcy Ribeiro menciona o mulato que participa do mundo do branco. Entre os mais eminentes estão: Aleijadinho, Machado de Assis, Rui Barbosa, Cruz e Souza, Luís Gama, os irmãos Mangabeira, Nelson Carneiro, os intelectuais Abdias Nascimento e Guerreiro Ramos. E continua Darcy: "Postos entre os dois mundos conflitantes — o do negro que ele rechaça, e o do branco que o rejeita — o mulato se humaniza no drama de ser dois, que é o de ser ninguém". Deve-se lembrar que em 1939 Guerreiro publica um livro de poemas com o título *O drama de ser dois*, embora declare estar pensando na dicotomia humano e celeste.

Guerreiro Ramos produziu no clima intelectual dos anos 50 e 60. Seu trabalho se insere nas propostas e interpretações pertencentes aos contextos nacional e internacional daquela época. Guerreiro era uma das figuras do Iseb, relia as propostas da Cepal, que pregava a industrialização pela substituição de importações (tendo em vista a famosa deterioração dos termos de troca). Defendia a proteção ao mercado interno e atribuía ao Estado um papel fundamental no processo de desenvolvimento. O Iseb, como outros grupos e correntes, incorporou esta problemática cepalina, mas acoplou outra questão: a necessidade de construção de uma ideologia para tornar possível o desenvolvimento. A ideologia nacional seria capaz de afastar a alienação e permitir a construção de uma consciência histórica, levando, enfim, ao desenvolvimento.

Desde os anos 20 vinha-se configurando essa proposta de modernização conservadora, que vê o Estado como principal agente da mudança social. Entretanto, nos anos 50 e 60, a essa postura se acoplou o papel dos sindicatos e dos partidos. O Estado passou a ser visto como agente de modernização e também de democratização. A proposta de Guerreiro Ramos de uma sociologia em "mangas de camisa" tinha por objetivo vincular as atividades científicas a essa tarefa de promoção da autarquia econômica nacional. A sociologia tinha de construir um pensamento, uma ideologia da modernização, já que o desenvolvimento não seria um processo espontâneo. A sociologia da intervenção que conhecesse os fatores do atraso, que visasse a liberar as forças produtivas, seria premissa sem a qual a democracia seria inviável.

3. As ciências sociais no espaço da universidade

A produção sociológica de Guerreiro Ramos foi elaborada ao mesmo tempo em que era construído o campo disciplinar da sociologia no espaço da universidade. E nesta tarefa o papel de Florestan Fernandes foi fundamental.

É bom lembrar que o trabalho de desenvolver e ensinar a sociologia no Brasil envolveu demarcar diferenças e estabelecer distinções com o pensamento existente até então. A produção dos bacharéis, dos médicos e dos engenheiros passou a ser considerada inadequada para os novos tempos. Os padrões guiados pela "neutralidade valorativa" e pela "objetividade" deveriam guiar a produção sociológica. Esta nova perspectiva passou a considerar atrasado o pensamento sobre a sociedade até então produzido no Brasil.

A nova disciplina, guiada pela sociologia norte-americana, principalmente pela chamada "escola de Chicago", e implementada por Donald Pierson e Horace Davis, entre outros, envolveu a formação de um novo campo do conhecimento. Reunidos em torno da Escola Livre de Sociologia, seus expoentes procuraram formar uma nova geração e definir linhas de pesquisa a serem implementadas.

O novo modelo de se fazer sociologia foi absorvido supondo que suas teorias eram "científicas", o que significava dizer que estavam libertas do tempo e

do espaço em que foram produzidas. Passou-se também a partilhar de um preconceito em relação à história, que não fazia parte da tradição brasileira de estudos sociais.

Se este era o modelo da "boa" ciência, isto não significa que toda a produção intelectual tenha respeitado estes cânones. Muito se escreveu sobre o Brasil "contaminado" pela história e, acima de tudo, se escreveu pensando e refletindo sobre os impasses do desenvolvimento. Uma "sociologia em mangas de camisa", como na expressão de Guerreiro Ramos, vinculava suas atividades científicas à tarefa de promoção da autarquia econômica nacional e não procurava alcançar qualquer saber neutro.

A divergência entre duas perspectivas de se produzir um conhecimento sobre a sociedade brasileira pode ser acompanhada pelo debate entre a chamada "escola sociológica paulista", com Florestan Fernandes à frente, e a produção do Iseb, exemplificada na obra de Guerreiro Ramos. Essa polêmica também se expressou em um conflito regional entre São Paulo e Rio de Janeiro (Almeida, 1989).

Guerreiro Ramos chegou às ciências sociais vindo de outros campos do conhecimento, da filosofia, da literatura. Sua trajetória pode ser entendida por meio de alguns obstáculos que o autor teve de enfrentar e que produziram inflexões em sua carreira. O primeiro tem a ver com sua não-nomeação para professor na Faculdade Nacional de Filosofia. Foi a partir daí que conseguiu um emprego no serviço público, mais precisamente no Departamento Nacional da Criança, e se aproximou da sociologia norte-americana. Uma segunda inflexão em sua carreira acontece quando suas teses foram recusadas no II Congresso Latino-Americano de Sociologia, exatamente por Florestan Fernandes. Elas foram publicadas em artigos de jornal e estão reunidas na *Cartilha brasileira de aprendiz de sociólogo*. Essa recusa levou Guerreiro a pensar e a se engajar ainda mais na transformação do Brasil, o que fez dentro do Iseb e fora dele, mais tarde ligado ao governo João Goulart. A terceira inflexão tem a ver com o tempo após a Revolução de 1964, em que foi perseguido, respondeu a inquérito e acabou saindo do Brasil para ensinar em escola de administração no sul da Califórnia.

Desde sua obra *Introdução crítica à sociologia brasileira,* de 1957, e agora republicada pela UFRJ, Guerreiro critica a crença na eficácia imanente das teorias e instituições importadas. Essa postura metodológica, epistemológica e filosófica se mostra muito relevante no momento atual, mesmo que propostas de Guerreiro substantivas se apresentem ultrapassadas.

4. O significado de Guerreiro hoje

As propostas de Guerreiro Ramos tiveram maior aceitação no espaço das escolas de administração no Brasil. Mesmo quando se encontrava nos Estados Unidos ele voltava ocasionalmente ao Brasil e era convidado a visitar e fazer palestras em cursos de administração, estabelecendo o debate em torno da "teoria

delimitativa dos cursos de sociologia nos departamentos de sociologia ou ciências sociais. Não sei se o é nos cursos de administração".

Somente agora começa a se reverter esta tendência. A Editora da Universidade do Rio de Janeiro tem planos de reeditar toda sua obra. É dentro deste contexto que a mesma editora publicou meu trabalho *A sociologia do Guerreiro* (1995), no qual procuro analisar a obra e a trajetória do autor. Neste livro está publicada uma entrevista realizada com Guerreiro e que serviu de fonte para as análises que apresento. Outros pesquisadores e alunos de doutorado começam a fazer estudos sobre aspectos da obra de Guerreiro, e seu nome volta a fazer parte do universo da disciplina. Em inúmeros seminários, Guerreiro Ramos tem sido analisado, tomando-se como chave sua análise sobre a questão racial. Nesse aspecto, Guerreiro, assim como Costa Pinto, outro sociólogo que produziu na mesma época, volta a ser estudado e merece a atenção dos estudiosos que lidam com a questão da raça, da etnia, do preconceito (Maio, 1996).

A sociologia proposta e praticada por Guerreiro Ramos pressupunha um saber sobre a sociedade brasileira que teria fins eminentemente práticos. Para ele, o campo da administração ganha densidade exatamente por ser uma ciência social aplicada. No pensamento de Guerreiro, política e administração são os principais campos de ação e é por isso que ele se debruçou sobre elas. Ou melhor, para Guerreiro, administração é política e, portanto, oferece múltiplos caminhos para o exercício da "sociologia em ato".

A chamada crise dos paradigmas e o questionamento da cientificidade dos estudos sobre o social, assim como a história política do país nos últimos 30 anos, confluíram para uma nova situação em que se volta a valorizar a interdisciplinaridade. Abandona-se a identificação das estruturas que comandavam a vida social, e em seu lugar procura-se recuperar o papel do indivíduo com sua capacidade de agir sobre o ambiente. A sociedade cada vez mais globalizada traz de volta temas aparentemente deixados de lado no período em que a nação era o marco da produção sociológica. Raça, etnia e gênero retornam como temas relevantes correlacionados às questões da justiça e da cidadania.

Das ciências sociais se demanda hoje uma tarefa múltipla: treinar, ensinar, iniciar jovens capazes de entrar em um mercado de trabalho em constante mutação; e formular um pensamento capaz de analisar as transições, as rupturas que estão ocorrendo na sociedade e cujos desdobramentos são ainda desconhecidos.

A necessidade de um conhecimento profissional especializado, capaz de permitir a ação sobre o mundo, e a demanda de uma compreensão sobre crenças, valores e símbolos que guiam os homens trazem de volta a valorização dos intelectuais e ideólogos, principalmente daqueles que, como Guerreiro, procuraram produzir um saber que tivesse um compromisso com a sociedade ou, como dizia Guerreiro, que realizasse a "assimilação crítica das teorias importadas".

Referências bibliográficas

Almeida, Maria Hermínia Tavares de. Dilemas da institucionalização das ciências sociais no Rio de Janeiro. In: Miceli, Sérgio (org.). *História das ciências no Brasil.* São Paulo, Idesp/Vértice/Finep, 1989. v. 1.

Bobbio, Norberto. *Os intelectuais e o poder.* São Paulo, Unesp, 1996.

Maio, Marcos Chor. A questão racional no pensamento de Guerreiro Ramos. In: Maio, Marcos Chor & Santos, Ricardo Ventura (orgs.). *Raça, ciência e sociedade.* Rio de Janeiro, Fiocruz/CCBB, 1996.

Oliveira, Lúcia Lippi. *A sociologia do Guerreiro.* Rio de Janeiro, UFRJ, 1995.

Soares, L. A. Alves. *A sociologia crítica de Guerreiro Ramos: um estudo sobre um sociólogo polêmico.* Rio de Janeiro, Copy & Arte, 1993.